

Nós que aqui estamos por vós esperamos

Nosotros que aquí estamos por vosotros esperamos

Jéssica Loirane Natividade

Aluna do 6º período de Letras (Português e Espanhol) do IF SUDESTE MG. Professora orientadora: Ozana Aparecida do Sacramento.

E-mail: jessicaloirane2011@hotmail.com

Resumo: O presente artigo fará uma breve reflexão sobre a visão da sociedade a respeito da velhice. Para tanto, será analisada a personagem Margarida, retratada no conto “O Grande Passeio”, integrante do livro *Felicidade Clandestina* (1981), de Clarice Lispector. O objetivo é entender como essa senhora idosa era vista pela sociedade, uma vez que ela estava sozinha no mundo, pois já tinha perdido seu marido e seus filhos e, agora, morava de favor com algumas pessoas. Em “O Grande Passeio”, percebe-se a solidão da personagem e seu sofrimento enquanto uma mulher velha, pois é nessa fase da vida que os preconceitos são mais intensos e maiores.

Palavras-chave: Velhice. Preconceito. Solidão.

Resumen: El presente artículo hará una breve reflexión sobre la visión de la sociedad respecto de la vejez. Para ello se analizará la personaje Margarida, retratada en el cuento, “O Grande Passeio”, integrante del libro *Felicidade Clandestina* (1981), de Clarice Lispector. El objetivo es entender como esa vieja mujer era vista por la sociedad, una vez que ella estaba sola en el mundo, pues ya había perdido su marido y sus hijos y, ahora, fue a vivir de favor con algunas personas. En “O Grande Passeio”, se percibe la soledad de la personaje y su sufrimiento en tanto una mujer vieja, pues es en esa etapa de la vida que los prejuicios son más intensos y mayores.

Palabras-clave: Vejez. Prejuicios. Soledad.

1 Considerações iniciais

Clarice Lispector escreveu contos, romances, matérias jornalísticas e é considerada uma das mais importantes autoras da modernidade, além de ser um dos principais nomes da Literatura Brasileira (SILVA; SILVA, 2012). A escritora tem uma escrita complexa, filosófica, de cunho psicológico e cheia de mistérios, a qual exige um esforço de leitura, a fim de ler não só o que está exposto na superfície, mas também o que está nas entrelinhas, para podermos chegar às compreensões plausíveis, factíveis, ou seja, aquelas que podem ser comprovadas com o próprio texto.

Desse modo, segundo Silva e Silva (2012, p. 134), Clarice tem “[...] um estilo narrativo próprio, emprega uma linguagem que se caracteriza, principalmente, pela introspecção intimista e pelo uso relativamente constante de metáforas, aliterações e monólogos interiores”. Cabe ressaltar ainda que “há em suas narrativas, reflexão filosófica do existir, pois seus personagens questionam sua condição de sujeito e o estar no mundo” (SILVA; SILVA, 2012, p. 134).

Assim, no conto *O Grande Passeio*, pretende-se refletir sobre a solidão da personagem principal bem como a questão da velhice vivida por ela na narrativa e observar como essas questões são configuradas na escrita de Clarice Lispector.

2 A representação de Margarida no conto

O conto *O Grande Passeio* engloba, juntamente com mais 24 contos, o livro *Felicidade Clandestina* (1981), de Clarice Lispector. É uma narrativa que, inicialmente, descreve como era a personagem principal, Margarida, que preferia ser chamada de Mocinha. Ela era uma idosa que nascera no Maranhão e chegara ao Rio de Janeiro trazida por uma senhora que tinha o intuito de interná-la em um asilo. Porém, não foi bem isso o que ocorreu. A senhora viajara para Minas Gerais e deixara Mocinha “abandonada” no Rio, com apenas algum dinheiro para que pudesse se manter.

A partir desse momento, a idosa não tinha um lugar definido, dormia em uma casa grande no quarto dos fundos, em Botafogo, e dependia da solidariedade das pessoas que cruzavam seu caminho. Vivia de esmolas, e a família que a tinha acolhido quase não a notava, por ser uma idosa misteriosa que, na maior parte do tempo, não permanecia em casa e que “levantava-se de madrugada, arrumava sua cama de anão e disparava lépida como se a casa tivesse pegando fogo. Ninguém sabia por onde andava” (LISPECTOR, 1981, p. 29).

Certo dia, essas pessoas se espantaram de vê-la em casa, depois de tanto tempo, e sentiram um enorme incômodo. Em razão disso, decidiram mandá-la para a casa de uns parentes gringos, uma cunhada alemã, em Petrópolis. Essas pessoas de Botafogo queriam ver-se livre da idosa e, segundo elas, ela poderia cuidar do filho do casal. Mocinha não continha em si de tanta emoção. Nem dormiu direito à noite. Lembrou-se de seus filhos e do marido dos quais antes havia se esquecido. Pensava que, com esse “grande passeio”, sua vida iria mudar completamente e para melhor.

No dia seguinte, pela primeira vez, foi preciso acordá-la de tão emocionada que estava. Eles, o filho da dona da casa, a namorada dele e duas irmãs, seguiram viagem rumo a Petrópolis e deixaram Mocinha próximo a casa para evitar comentários. Mocinha foi recebida na casa e, logo ao entrar, deparou-se com a alemã e seu filho. Sentou-se e ali mesmo permaneceu, apenas observando o que acontecia ao seu redor.

A cunhada alemã tomava seu café da manhã e nem ao menos ofereceu algo para a idosa comer. Depois de um tempo, o marido da alemã, Arnaldo, que era irmão do rapaz que dirigia o carro, chegou em casa e deparou-se com a presença de Mocinha. O casal conversou e disseram para a idosa que ali não era asilo, repetindo duas vezes com uma tonalidade na voz que denotava ignorância e grosseria para que Mocinha compreendesse bem. Arnaldo deu-lhe um dinheiro, ela o agradeceu e saiu. Distanciou-se da estação de trem, que era seu caminho, e, ao avistar um chafariz, bebeu água, pois estava com muita sede. Encostou-se a uma árvore e ali mesmo morreu.

Clarice descreve ainda bem detalhadamente não só o ambiente frequentado por Mocinha, mas também os mínimos detalhes em relação à personagem, principalmente seus traços físicos que são visíveis nessa fase da vida. De acordo com Rocha (s.d), percebe-se, em uma linha intimista, características da terceira geração de autores modernistas, presentes na revelação de que a idosa fala pouco, “por conta da fraqueza,

mas o falar pouco além da saúde frágil e da idade mais avançada, também constitui uma das características das pessoas mais vividas, com mais sabedoria” (ROCHA, s.d., p. 8). Em algumas passagens do conto, pode-se “ver” o que se passa no interior da personagem, como a sua emoção ao sair de sua vidinha normal; quando ela chega à casa da cunhada alemã, percebe-se que não foi acolhida como pensava, sem falar que quase não conversou com as pessoas daquele local.

Clarice Lispector aponta a violência contra o idoso no ambiente familiar ou semelhante. Nessa narrativa, percebe-se que a escritora pretendeu destacar a questão de Margarida ser uma idosa e, principalmente, trabalhar a questão do sujeito. Essa questão é apresentada através da duplicidade do nome (Margarida x Mocinha), pois cada nome simbolizava uma pessoa para a personagem.

Em relação ao nome da personagem, observa-se, de acordo com Silva e Silva (2012, p. 141), que ocorre uma “ideia de duplicidade manifestando-se de forma bastante forte, permeando toda a constituição da personagem – a começar pela identificação dúplici da personagem” em relação aos dois nomes Margarida x Mocinha. Isso nos leva a pensar o porquê desse nome. Fazendo essa pequena reflexão, pode-se dizer que como era uma idosa e para se sentir um pouco mais jovem, a personagem se sentia melhor sendo chamada de Mocinha. Desse modo, conforme Silva e Silva (2012, p. 142), o nome Mocinha

[...] nos remete a uma pessoa cheia de vida, bela, forte, jovem, atenta a tudo e a todos. Já Margarida vem do grego *Margaretês, Margarita*, cujo significado original era ‘pérola’, só mais tarde sendo aplicado a flor. Assim, vemos o apelido Mocinha como uma maneira da busca de amplitude de Margarida, pois a sua ambivalência, ou seja, Mocinha é dualidade no sentido de acabamento de Margarida.

Para exemplificar o que foi dito no trecho, percebe-se essa questão da duplicidade do nome no seguinte fragmento: “quando lhe perguntavam o nome, dizia com a voz purificada pela fraqueza e por longuíssimos anos de boa educação: - Mocinha. As pessoas sorriam. Contento pelo interesse despertado, explicava: - Nome, nome mesmo, é Margarida” (LISPECTOR, 1981, p. 28). A personagem, ao optar em ser chamada de Mocinha, nos remete também a questão para se “escapar da crueldade das pessoas com os mais velhos, pois se fosse realmente ‘mocinha’, Margarida não sofreria tanto” (SILVA; SILVA, 2012, p. 143).

Pensando um pouco sobre o nome Margarida, foram feitas algumas observações: o nome nos remete a uma flor. E as flores, em geral, têm vida efêmera e são frágeis. A margarida, diferentemente da rosa, segundo o senso comum, não é uma flor nobre com simbolismos como a paixão ou o mistério. Ela é tida, pelo mesmo senso comum, como uma flor simplória cujo simbolismo é a juventude e a pureza. Assim também é a personagem clariceana, simplória, sem maiores encantos ou qualidades aos olhos daqueles de quem está próxima. De aparência frágil, fenece como uma flor junto à fonte.

A personagem, ao querer ser tratada pelo nome Mocinha, nos faz refletir que especificamente esse nome nos remeta à juventude, a uma fase de maior ingenuidade e

descompromisso da vida. Destaca-se, ademais, o nome escrito no diminutivo, o que nos indica ainda mais o caráter infantil. Será que um dia ela foi Margarida, uma mulher com família, um lar, uma identidade social considerada padrão? Quando morava no Maranhão juntamente com sua família, talvez sim, mas em nenhum momento do conto observa-se a questão da personagem ter sido feliz, de ter tido um lar e, principalmente, de ter uma identidade social considerada padrão.

Com o passar do tempo, ela foi perdendo sua identidade por causa do envelhecimento, do isolamento, porque velho é um peso morto, uma inutilidade. Desse modo, ela deixa de ser Margarida e passa a ser Mocinha. Será que não é um tanto irônico, uma idosa, abandonada, ser chamada de Mocinha? Focando principalmente nos traços físicos da protagonista, parece que ocorre uma contradição, pois sendo uma idosa, teoricamente, já não é mais uma “mocinha”, não está mais na fase da juventude. E se for considerado que o substantivo mocinha também tem a acepção de heroína de narrativas romanescas, fílmicas, observa-se, mais uma vez, a contradição, já que a personagem não se constitui como heroína. Assim, verifica-se que Mocinha/Margarida é uma mulher que tem sua identidade esgarçada pelo isolamento e descaso.

Outra forma característica da escrita da autora está ligada à “reflexão filosófica do existir, pois seus personagens questionam sua condição de sujeito e o estar no mundo” (SILVA; SILVA, 2012, p. 134). No conto, percebe-se isso quando é relatado o questionamento da condição do sujeito idoso. Margarida, à medida que vai envelhecendo, vai sendo desterritorializada, pois foi trazida do Maranhão, deixada no Rio de Janeiro sem conhecer ninguém, vivia no quarto dos fundos de uma casa, um lugar completamente escondido, e depois a personagem é levada para Petrópolis. As pessoas da casa quase não notavam sua presença, ou seja, para eles, ela era uma pessoa invisível.

Mocinha, quase já não mais Margarida, é alguém sem referências, quase sem lembranças. A personagem é um sujeito “desterritorializado, no sentido deleuziano/guattarriano, isto é, marcado pelo movimento de abandono do território, ‘operação de linha de fuga’ (o rompimento de laços, fronteiras, identidades) [...]” (NEVES, 2016, p. 1). Assim era Mocinha, em contínuo deslocamento, carregando parcas lembranças, uma trouxinha suja e um sorriso inútil.

No decorrer da história e nos dias de hoje, observa-se que o idoso é tratado com descaso, com falta de respeito, sendo ignorado por boa parte da sociedade. Muitas pessoas têm em mente e generalizam que os idosos, por já estarem nessa fase da vida, tornam-se pessoas que não produzem, que não geram lucro. Segundo Scortegagna e Oliveira (2012), em uma sociedade que pode ser qualificada pelo poder, que busca primeiramente o lucro a qualquer custo, o idoso, na maioria das vezes, representa “uma trava no desenvolvimento, desconsiderando toda a contribuição social que estes deram e ainda dão à produção de bens, serviços e conhecimentos” (p. 2).

Desse modo e conforme os autores citados, a sociedade atribui imperativos de produção, agilidade e modernidade ao idoso. Por questões biológicas, estes podem manifestar alguns limites ou, até mesmo, pequenas dificuldades, “mas isso não significa a incapacidade de realizar tarefas. Porém, na perspectiva social atual, o idoso é considerado muitas vezes como um incômodo, por não atuar na velocidade e na

maneira que os jovens julgam mais corretas ou mais adequadas” (SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2012, p. 2).

De acordo com Vicente (2014-2015), esse fato está se tornando algo cada vez mais comum, gritante em nossa atualidade. O autor ressalta, ainda, que “há alguns anos a velhice representava sabedoria, e o velho era visto, muitas vezes, como alguém que deveria ser respeitado, em máxima instância, por ter vivido mais experiências e ser o grande precursor da família” (p. 32). Agora, os idosos dependem de pessoas para que possam auxiliá-los em suas tarefas diárias, mas muitas dessas pessoas estão ocupadas demais e outras ignoram tal presença. É muito sintomática, em nossa sociedade, a presença de asilos e casas de repouso para idosos. As pessoas preferem levar os idosos para esses lugares ao invés de os manterem em suas casas, e isso indica a falta de espaço, no sentido físico e no emocional, nos lares das pessoas para os idosos.

Outro ponto evidente na sociedade contemporânea é o culto à juventude, em que só o jovem é belo, é capaz de fazer algo, é o único que possui forma física ideal. Porém, a sociedade esquece que o padrão de beleza é um dado cultural, muitas vezes imposto por interesses econômicos. Chauí diz que há, ainda, na atualidade, uma negação ao idoso em relação a sua

[...] função social, uma vez que habilidades como aconselhar e lembrar são mecanismos não valorizados, sendo decorrente a opressão à velhice. Esta se dá a partir de mecanismos institucionais visíveis como, por exemplo, as casas de ‘repouso’, asilos, bem como por questões psicológicas (a tutela, a inexistência do diálogo, discriminação) e mecanismos científicos com pesquisas que demonstrem deterioração física, deficiência nas relações interpessoais (CHAUÍ, 1994, *apud* ARAÚJO; CARVALHO, 2005, p. 230).

No conto de Clarice, nota-se que Margarida era considerada um estorvo, uma pessoa que não era bem aceita pela família que a havia acolhido. A presença dela e o fato da personagem ser uma idosa não os deixavam à vontade. Desse modo, parece que essas pessoas não percebem que um dia também serão idosos. Margarida, por já estar nessa fase da vida e pela maneira como estava envelhecendo, não aproveitava totalmente esse momento, pois o envelhecer

[...] deveria ser um momento de descanso, de aproveitar os detalhes que foram impossibilitados de serem contemplados devido à correria do cotidiano de um “adulto ativo” e recapitular todas as experiências que já tivera. E não, como é para muitos, um período de perda de identidade pessoal e social (VICENTE, 2014-2015, p. 33).

Logo no início da narrativa de Clarice Lispector, há uma descrição de Margarida, bem como do abandono, da despreocupação por parte dessas pessoas que a “acolheram” em sua casa.

Era uma velha sequinha que, doce e obstinada, não parecia compreender que estava só no mundo. Os olhos lacrimejavam sempre, as mãos repousavam sobre o vestido preto e opaco, velho documento de sua vida. No tecido já endurecido

encontravam-se pequenas crostas de pão coladas pela baba que lhe ressurgia agora em lembrança do berço. Lá estava uma nódoa amarelada, de um ovo que comera há duas semanas. E as marcas dos lugares onde dormia. Achava sempre onde dormir, casa de um, casa de outro (LISPECTOR, 1981, p. 28).

Nesse trecho, verifica-se o menosprezo e o tratamento dado à idosa no conto, pois as pessoas que “acolheram” Mocinha queriam ficar livre dela a qualquer custo, como se fosse algo que estivesse incomodando ou, até mesmo, atrapalhando. Percebe-se, ainda, que a idosa sempre permanecia do mesmo jeito, com a mesma vestimenta, além de não ter outra roupa, e, por ser praticamente uma mendiga, ela não tinha uma vida ativa, talvez esse seja o motivo de não trocar de roupa.

Além disso, existem outros pontos interessantes: o adjetivo “sequinha” nos remete a uma aparência de uma idosa magrinha, mas também seca no sentido de que não teria mais substância; o verbo lacrimejar tanto pode nos referir a uma doença, como pode também simbolizar a própria tristeza que foi e é sua vida; o vestido preto e opaco, a cor seria o sinal de luto, de viuvez, mas é opaco, no sentido de que a cor já não é mais a mesma, ou seja, a memória do que significa e com o passar do tempo já não era mais a mesma coisa. O mesmo ocorre com a personagem, opaca, sem “vida”, que está aos poucos perdendo a memória. A “[...] baba que lhe ressurgia agora em lembrança do berço” (LISPECTOR, 1981, p. 28); esse trecho faz referência à baba que aparece no bebê e no idoso, no primeiro indicando que ele ainda não “aprendeu” a coordenar bem seus movimentos e no segundo que ele já perdeu essa capacidade, ou seja, que já está no fim da vida.

Há, ainda, um ponto importante que aparece nesse mesmo trecho, mais especificamente nessa parte: “No tecido já endurecido encontravam-se pequenas crostas de pão coladas pela baba que lhe ressurgia agora em lembrança do berço” (LISPECTOR, 1981, p. 28); aqui, vê-se a falta de preocupação. Parece que as pessoas da casa que conviviam com Mocinha não se preocupavam se ela precisava de algo, vestimenta e/ou alimentação. Vale ressaltar, ainda, que a idosa não se lembrava muito bem da família, mas o vestido estava com alimentos, ou seja, cheio de marcas de seus dias. O mais importante aqui é que, com as marcas desses alimentos presentes no vestido, não se falava muito das lembranças da personagem, é como se o vestido metaforizasse essas lembranças em suas marcas.

Nessa mesma parte da narrativa, constata-se que Mocinha não havia percebido que estava sozinha no mundo, uma vez que ela não tinha família e que seu marido e seus filhos já estavam mortos. Estava agora rodeada por pessoas que não conhecia e que nem tinha nenhum grau de parentesco. Seu sentimento “era expresso nos olhos, que lacrimejavam sempre, denotando as perdas e o sofrimento por elas” (ROCHA, s.d., p. 6), ou seja, pelo marido e por seus filhos que já não estavam mais presentes com a personagem.

Outro ponto forte que aparece nesse trecho da narrativa é referente ao fato de que Mocinha sempre encontrava onde dormir, pois a personagem era uma idosa sequinha, tinha o corpo pequeno e “quando lhe davam cama para dormir davam-lhe estreita e dura porque Margarida fora aos poucos perdendo volume” (LISPECTOR, 1981, p. 29). O mesmo ocorria com a idosa quando as pessoas a davam esmolas “[...]”

davam-lhe pouca, pois ela era pequena e realmente não precisava comer muito” (LISPECTOR, 1981, p. 28-29). Identifica-se, nessas partes do conto, que, pelo fato de Mocinha ser uma idosa pequena e magra, as pessoas arrumavam uma cama ou a davam esmolas proporcionalmente ao seu tamanho, sendo que essa esmola recebida pela idosa talvez não fosse o suficiente para alimentá-la direito, uma vez que em nenhum momento do conto cita-se que a personagem era aposentada. De acordo com Rocha, podemos dizer, então, que,

sem aposentadoria, pensão ou benefício de prestação continuada, a idosa da narrativa de Clarice não tinha qualquer recurso prestado nem pela família, nem pelo estado, mas era socorrida pela sociedade, de casa em casa, quando lhe davam o que comer e onde dormir, numa cama dura e estreita no quarto dos fundos de uma casa grande. Sintetizando a qualidade da caridade que a sociedade brasileira tem com os idosos, tratados como pessoas secundárias, com dignidade comprometida e no lugar das pessoas com pouca ou nenhuma serventia, porque tradicionalmente o quarto “dos fundos” sempre foi destinado às coisas velhas ou aos empregados que viviam sem condições dignas de vida (ROCHA, s.d., p. 08).

Em relação à viagem que é proposta pelas pessoas que acolheram Mocinha, essas mesmas se sentiram aliviadas e ocorreu até mesmo “uma adesão mais animada do que uma velha poderia provocar” (LISPECTOR, 1981, p. 30). Mas a personagem não compreendia ao certo o que estava acontecendo, pois já estava acostumada a sua vidinha limitada naquela casa e lugar.

Em outro trecho da narrativa, constata-se a comparação da personagem com um animal, relatando que Mocinha “[...] desamarrou a pequena trouxa, tirou um pedaço de pão com manteiga ressecada que guardava secretamente há dois dias. Comeu o pão como um rato, arranhando até o sangue os lugares da boca onde só havia gengiva” (LISPECTOR, 1981, p. 31). Especificamente nessa parte da narrativa, verifica-se que a personagem vai se animalizando, perdendo seu status humano ao comer como um rato. Ela carregava suas coisas, até mesmo o alimento, numa trouxa, comprovando realmente que ela é mesmo abandonada, sem família ou alguém que pudesse contar.

No decorrer do conto, observa-se que a personagem vai sendo espoliada de sua condição humana e, ao ser comparada a um rato, isso é comprovado, pois ele é um animal nojento, que vive a se esconder e vive nos lugares imundos. Desse modo, o rato tem para a sociedade uma carga grande de negatividade, ele não é considerado um animal “nobre” como um cachorro. O rato é um incômodo que ninguém quer por perto e a margarida é uma flor “bobinha”. Ou seja, esses dois elementos são sem importância, assim como a personagem. Ninguém a vê, parece ser invisível, e ela também não se vê, a não ser no momento derradeiro.

No final do conto, identifica-se a questão do reflexo, quando a personagem principal está andando pela rua e, sentindo sede, repentinamente se sentiu iluminada, “[...] mas viu a si própria com blusas claras e cabelos compridos” (LISPECTOR, 1981, p. 36). Segundo Silva e Silva (2012, p. 145), nota-se, nesse trecho, “o narcisismo” que é observado como “um campo simbólico e metafórico, Mocinha neste momento era

Mocinha, a sua outra metade”, ou seja, por um momento deixou de ser Margarida para se sentir como jovem, uma mocinha.

Ao ver a si própria, pode-se dizer que a personagem se vê como ela foi um dia, talvez vendo a sua “alma”, ou seja, a sua essência. A personagem, ao ver seu reflexo, está sozinha no chafariz e foi a primeira vez que apareceu sua imagem relatada no conto. Em momento algum se falou que a personagem tinha um espelho ou que se viu refletida em uma vidraça ou algo parecido. Desse modo, a imagem de uma mulher bonita que estava ali sendo refletida não é a da idosa de hoje, mas sim a da jovem que ela já foi um dia. A mulher de carne e osso é uma idosa, já a imagem refletida no chafariz está na mente de Mocinha. O mesmo ocorre com Narciso ao ver sua imagem refletida, ele também estava só e também foi a primeira vez que viu a si mesmo refletido em um lago e

o que vê não conhece. Mas o extasia! Pode-se afirmar que Narciso se apaixonou à primeira vista por aquele que viu no lago: por si mesmo? Por outro alguém? Só o sabe um observador externo, para quem Narciso e a imagem refletida são uma só figura. Narciso não o sabe (GUILHARDI, 2010, p. 2).

O chafariz que a personagem se vê refletida é descrito deste modo no conto: “no chafariz de pedra negra e molhada, [...] Mocinha adiantou-se com se saísse de um esconderijo e aproximou-se sorradeira do chafariz. Os fios de água escorreram geladíssimos [...]” (LISPECTOR, 1981, p. 37). Já a fonte em que Narciso se vê refletido é um tanto diferente do Chafariz descrito no conto. A fonte era “destra cristalina fonte murmureja, numa clareia margeada de gramíneas [...]” (CARVALHO, 2010, p. 94). A fonte que Narciso se mira é linda e límpida, já a de Mocinha é descrita como um chafariz de pedra negra, acontecendo um diferencial em relação ao mito. Aqui, provavelmente, o chafariz está condizente com a personagem. Ao descrever o chafariz como uma pedra negra, infere-se que um dia ele não tenha sido dessa pedra “negra”. Pode ter ficado dessa cor em decorrência do tempo, exposto tanto ao sol como na chuva. O tempo vai envelhecendo não só as pessoas como também os objetos.

Parece que tanto a personagem Mocinha quanto Narciso estavam iludidos com as imagens projetadas na água. Mocinha, por outro lado, já estava idosa e, na sua senilidade e inconsciência, já não sabia mais o que era real, imaginário e/ou fantasia. Suas lembranças agora se misturavam com o presente que ainda estava vivendo.

Fazendo uma pequena reflexão sobre o título do conto, ele nos remete a um momento que seria emocionante que guardaríamos na memória por ser um grande passeio. Porém, lendo o conto, não é isso o que ocorre. De acordo com Silva e Silva (2012, p. 144), observa-se, no título *O Grande Passeio*, “[...] a antecipação do adjetivo ao substantivo, para dar supostamente a ideia de um passeio sem fim, ou melhor, duvidoso, estranho, diferente”. Tanto é que no final Mocinha morre e descansa da vida sofrida e do desrespeito de que é vítima.

O título induz o leitor a pensar que se trata de um grande passeio, bonito, alegre. A personagem, ao saber da viagem, pensa que será um belo passeio, que irá transformar sua vida em algo agradável e que irá encontrar um lar acolhedor. O grande passeio na verdade é a morte, ou seja, uma espécie de libertação dos

sofrimentos de Mocinha, de tudo o que ela passou e vivenciou. Afinal, ela encontra o seu “lugar no mundo”. Ela agora não dependerá mais da caridade alheia, não andará “de déu em déu”. Quando ela vê o reflexo na fonte como uma jovem, com roupas claras, percebe-se que nesse exato momento ela está feliz e que encontrou, enfim, o seu lugar.

3 Considerações finais

Na leitura do conto *O Grande Passeio*, pode-se ter uma visão de como a personagem protagonista da narrativa vivia e, principalmente, de como a sociedade a tratava e enxergava. Mocinha, por ser uma idosa e pequena, era ajudada proporcionalmente ao seu tamanho físico e social, o que não deveria ser assim. Em relação à família que a acolheu, essas pessoas a ignoravam totalmente e nem se importavam com a presença da idosa. Mocinha ainda não tinha percebido que estava sozinha no mundo nem se dava conta da situação que estava vivendo, talvez em virtude de sua senilidade.

Atualmente, a situação é praticamente a relatada no conto. Os idosos na sociedade atual estão, sendo cada vez mais, menosprezados e deixados de lado. A maioria das pessoas não compreende que um dia também chegará nessa fase da vida. A frase “nós que aqui estamos por vós esperamos”, além de título de documentário de Marcelo Marsagão (MORALES, 2009), é a inscrição do pórtico de um cemitério da cidade paulista de Paraíbuna. Nós a tomamos emprestada, porque parece querer nos dizer justamente isso: que boa parte das pessoas chegará à condição de Mocinha: a velhice. E tanto a velhice, como a morte nos aguarda. A atitude de descaso com o idoso, verificável na ficção clariceana e no nosso cotidiano, demonstra o quanto os mais jovens são insensíveis e incapazes de projetar o futuro.

Assim, é preciso ter mais cuidado com os idosos e respeitá-los. Segundo Araújo e Carvalho (2005), não se deve ignorar que a velhice faz parte da vida e que constitui uma etapa do desenvolvimento humano tão essencial quanto as outras fases. E “que, portanto, merece toda atenção e dedicação tanto [...] da família, da sociedade civil e, principalmente, do Estado, através do planejamento e operacionalização das políticas públicas” (ARAÚJO; CARVALHO, 2005, p. 232). O conto pode ser lido nessa vertente como uma forma de nos mostrar e denunciar a violência que ocorre no ambiente familiar que está cada vez mais frequente nos dias de hoje.

Referências

ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de; CARVALHO, Virgínia Ângela M. de Lucena e. Aspectos Socio-Históricos e Psicológicos da Velhice. In: *Mneme - Revista de humanidades*, Campus de Caicó. Vol. 06, nº. 13, p. 228-236, dez. 2004/jan. 2005. Disponível em: <<http://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/278/254>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

CARVALHO, Raimundo Nonato Barbosa de. *Metamorfoses em Tradução*. 2010, p. 1-158. Tese. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em:

<http://www.usp.br/verve/coordenadores/raimundocarvalho/rascunhos/metamorfose_ovidio-raimundocarvalho.pdf>. Acesso em: 09 set. 2016.

GUILHARDI, Hélio José. A metamorfose de Narciso e o autoconhecimento- um ensaio. In: *Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento*. p.1-12, dez/2010. Disponível em: <<http://www.itcrcampinas.com.br/txt/ametamorfose.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

LISPECTOR, Clarice. O Grande Passeio. In: *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 28-37.

MORALES, Lúcia Arrais. Nós que aqui estamos fizemos por vós. In: *Revista online do Grupo Pesquisa em Cinema e Literatura*, Vol. 1, nº 6, p. 191-203, dez/2009. Disponível em: <www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/BaleianaRede/Edicao06/7_NOS_QU E_AQUI_ESTAMOS_fizemos_por_vos.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2016.

NEVES, Ana Lúcia Maria de Souza. A desterritorialização vivida pela personagem nas cartas de e contos de Clarice Lispector. In: *XII Conages*. s/d. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV053_MD1_SA6_ID862_25052016172037.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2016.

ROCHA, Sheila Marta Carregora. Diálogo interdisciplinar com Clarice Lispector sobre 'O Grande Passeio'. In: *Publica Direito*. s/d. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=3a97a9a154f2f626>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

SCORTEGAGNA, Paola Andressa; OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. Idoso: um novo ator social. In: *IX ANPED SUL – Seminário de Pesquisa em Educação da região Sul*. p. 1-17, 2012. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1886/73>>. Acesso em: 6 jul. 2016.

SILVA, Maria da Luz Duarte Leite; SILVA Ananias Agostinho. A problemática da individualização numa perspectiva narcisista no conto 'O Grande Passeio', de Clarice Lispector. In: *Revista Memento*, Vol. 3, nº. 1, p. 134-148, jan-jul/2012. Disponível em: <<http://revistas.unincor.br/index.php/memento/article/view/329>>. Acesso em: 07 jun. 2016.

VICENTE, Carolina. Um Grande Passeio?. In: *Revista Portal de Divulgação*, n. 43, p. 30-37, 2014-2015. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/article/viewFile/487/524>>. Acesso em: 07 jun. 2016.